



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 622-632, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## A LINGUAGEM COMO REPRESENTAÇÃO DE DOMINAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO LIVRO VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS<sup>1</sup>

### LANGUAGE AS A REPRESENTATION OF DOMINATION AND LINGUISTIC PRECONCEPT IN THE BOOK VIDAS SECAS (BARREN LIVES) BY GRACILIANO RAMOS

Rosane Gallert Bet

#### RESUMO

Este artigo aborda a problemática do preconceito linguístico existente em nossa sociedade, objetivando uma reflexão através da literatura na obra de Graciliano Ramos, **Vidas secas**, que tem a linguagem como um problema para as personagens. Através de pesquisa exploratória envolvendo levantamento bibliográfico baseado em Marcos Bagno, Carlos Alberto Faraco, Jean Piaget, Lúcia F. M. Cyranka, Maria M. P. Scherre, e entrevista realizada com a estudiosa da sociolinguística de Sinop - MT, professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Neusa Inês Philippsen, conclui-se que o uso que se faz da linguagem pode ser fonte de libertação, mas também de exclusão e dominação.

**Palavras-chave:** Linguagem. Literatura. Preconceito linguístico.

#### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de uma pesquisa referente à disciplina Metodologia da Pesquisa em Letras, ministrada pela professora Dra. Cristinne Leus Tomé do PPGLetras da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2018/02.

This article approaches the problematic of the linguistic prejudice existing in our society, aiming at a reflection through the literary work by Graciliano Ramos, **Vidas secas** (Barren lives), that has the language as a problem for the characters. Through an exploratory research involving a bibliographical survey based on Marcos Bagno, Carlos Alberto Faraco, Jean Piaget, Lúcia F. M. Cyranka and Maria M. P. Scherre, and an interview with the sociolinguistic scholar of Sinop - MT, professor at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Neusa Inês Philippsen, it is concluded that the use of language can be a source of liberation, but also of exclusion and domination.

**Keywords:** Language. Literature. Linguistic prejudice.

Correspondência:

**Rosane Gallert Bet.** Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), especialização em Psicopedagogia pela União das Faculdades de Alta Floresta (UNIFLOR), mestranda do PPGLetras Unemat, Câmpus Universitário de Sinop. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [rgallertbet@hotmail.com](mailto:rgallertbet@hotmail.com)

Recebido em: 10 de dezembro de 2018.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3398/2494>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática apresentada para análise decorre da inquietação frente a uma questão que ainda precisa ser discutida. Atualmente, aborda-se com intensidade nas escolas e mídias sociais o combate a todo e qualquer tipo de preconceito, no entanto, na assertiva de Bagno (2013, p. 59), “essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico.”

Para abordar a problemática do preconceito linguístico, tomaremos como base o romance de Graciliano Ramos, **Vidas secas**, publicado em 1938, pois nesta obra a linguagem acaba sendo um problema para as personagens. Considerando que a literatura é importante ferramenta para reflexão e análise social, já que retrata situações que nos remetem à realidade, denunciando ideologias dominantes e contribuindo para uma reconstrução social.

Em nossa sociedade, valoriza-se a língua portuguesa ensinada nas escolas através das gramáticas e dicionários, considerando outras manifestações linguísticas como erradas ou feias. De acordo com Cyranka (2015, p. 31), “a palavra é material privilegiado da comunicação da vida cotidiana, que é vinculada a uma esfera ideológica particular. É no seu domínio que a comunicação se situa.” Então é necessário que o homem possa se expressar, mesmo usando uma forma de comunicação desprestigiada, por meio dos seus dialetos.

## **2 METODOLOGIA**

Para realizar este estudo referente ao preconceito linguístico que ainda perdura em nossa sociedade, foi utilizada uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, baseada em livros de pesquisadores da área da sociolinguística, bem como análise da obra literária **Vidas secas** de Graciliano Ramos e publicações periódicas. Contamos também com um questionário realizado em 2018, na cidade de Sinop, respondido pela professora Neusa Inês Philippsen, estudiosa da diversidade e variação linguística em Mato Grosso, coordenadora do **Projeto Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso** (DIVALIMT). Ao responder as questões, a professora pesquisadora corrobora com as reflexões acerca da obra literária e explica sobre o relevante trabalho realizado pelo Projeto:

**(01) Neusa Inês Philippsen:** Cabe, ao projeto DIVALIMT, desenvolver pesquisas relacionadas a distintos contextos de uso de variedades linguísticas em diferentes comunidades de fala, assim como lançar olhar às línguas minoritárias, aos preconceitos social e linguístico, às atitudes linguísticas e à história do português e sua inter-relação com as (i)migrações.

Deste modo, a pesquisa busca refletir sobre o preconceito linguístico a partir do diálogo da obra literária com autores e pesquisadores da área.

## **3 COMO A LINGUAGEM SE REPRESENTA EM VIDAS SECAS**

Ao longo da história diversos pensadores explicaram qual o sentido da linguagem. Dentre eles, o psicólogo e filósofo Jean Piaget (1978, p. 10), discorre que “a linguagem está subordinada ao exercício de uma função simbólica.” No entanto, observando o romance de Graciliano Ramos, percebe-se a ausência da linguagem entre as personagens, não fazendo uso das narrativas para evocar ou reconstituir acontecimentos ou ações. Na maioria das vezes os fatos pairam no pensamento interiorizado, pela incapacidade de expressão. O autor não se refere apenas à *secura do sertão*, mas também das relações sociais, econômicas e linguísticas.

A linguagem, que é instrumento de interação social, bem como de libertação, não faz parte do dia a dia das personagens. A ausência de discurso leva a uma animalização das personagens, que muitas vezes se comunicavam por meio de grunhidos ou de gestos. O próprio papagaio, aboiava e latia, uma vez que era o que tinha disponível para imitação, não aprendendo a falar:

Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra. (RAMOS, 2017, p. 12).

Em outra passagem, é possível observar a insatisfação consigo próprio, quando Fabiano exclama em voz alta: “Fabiano, você é um homem.” (RAMOS, 2017, p. 18). Depois de falar, pôs-se a pensar:

E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 2017, p. 18).

O narrador faz refletir sobre a questão referente a Fabiano sentir-se homem ou não. Como não tinha posses, trabalhava para os brancos, sentia-se tão inferiorizado a ponto de considerar-se um animal. No entanto isto o orgulhava: “Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.” (RAMOS, 2017, p. 19). A linguagem usada pelas personagens do romance configura-se de acordo com a visão que têm de si próprios, sendo considerados como coisas, animais ou plantas, o que se pode observar no seguinte trecho da obra:

Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantando. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra. (RAMOS, 2017, p. 19).

Há outros trechos da obra, em que o autor aborda a falta de comunicação levando o leitor a perceber a ligação das personagens com a essência primitiva. Fabiano lembrava-se dos dias de viagem pelo sertão, com a fome acompanhando-os: “Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.” (RAMOS, 2017, p. 36). Sinhá Vitória havia justificado a si própria “que ele era mudo e inútil.” (RAMOS, 2017, p. 12). Então, pode-se questionar e refletir sobre a importância das personagens quando o autor afirma que:

Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 2017, p. 36).

Se o papagaio era ‘mudo’ e ‘inútil’, faz-nos refletir sobre a essência de Fabiano e sua família, em que “a linguagem como a consciência imediata do homem” (BASTOS, 2017, p. 133) era um problema. A família de Fabiano sobrevive de forma muito rudimentar dependendo dos recursos da natureza de forma bem primitiva. Ainda assim, são cidadãos, que fazem parte da sociedade capitalista, tendo um chefe, o dono da fazenda, mantém relações comerciais com o dono da venda e outros moradores da vila, e sujeitando-se ao soldado amarelo que representa o governo.

Contribuindo com nossas reflexões, ao ser questionada sobre a dificuldade de comunicação, o saber expressar-se dentro das convenções sociais para interagir e fazer-se ouvir como um dos grandes problemas na vida de Fabiano, a professora entrevistada discorre sobre como o jeito de falar e o falar dialetal podem interferir na vida das pessoas:

**(02) Neusa Inês Philippsen:** O jeito de falar e o falar dialetal estão inter-relacionados ao espaço, que representa distintas variações diatópicas, aos diferentes estratos sociais, que exibem as variações diastráticas, e às

representações estilísticas, que reproduzem as variações diafásicas. Por sua vez, todas estas variações passam pelo engodo avaliativo da sociedade, imbuído pela tradição literária e sistemas de educação formal, os quais fazem crer que existem modos de falar mais “bonitos” ou mais “certos”, “superiores” e “inferiores”; tal engodo, lamentavelmente, faz acentuar os preconceitos social e linguístico. Nesse contexto, o livro **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, representa um retrato fidedigno da manifestação destes preconceitos, não só na vida do personagem Fabiano, mas na costura de toda a trama que procura retratar a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. Isso acontece fundamentalmente porque, conforme Bagno (2007), os brasileiros que tiveram acesso à escolarização formal, que dominam os usos mais prestigiados da escrita e que vivem nos ambientes urbanos mais valorizados consideram que seu modo de falar o português é “melhor” que o dos seus compatriotas sem instrução formal, analfabetos ou semianalfabetos, pobres e moradores das zonas rurais ou das periferias das grandes cidades (ou seja, uma elevada porcentagem da nossa população, senão a maioria).

#### **4 A LÍNGUA COMO DETERMINANTE SOCIAL**

Falar é uma característica do ser humano, independente de raça, de cor, de cultura e de ensino formal. Por volta dos três anos, uma criança já consegue se comunicar fazendo uso da linguagem, que de acordo com Piaget (1964), “também está subordinada ao exercício de uma função simbólica.” Ao que Scherre (2005, p. 09) complementa: “Falamos porque internalizamos ou especializamos uma língua natural específica a partir do ambiente social em que nascemos e vivemos: o domínio de uma ou mais línguas humanas é uma capacidade específica da espécie humana.”

Inerente às ações e relações humanas, está o conceito de certo e errado, que se torna bem intenso quando se refere à linguagem:

De forma geral, as pessoas creem que há uma língua estruturalmente mais certa do que a outra, que há um dialeto mais certo do que outro, e poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos ou às variedades das pessoas ou grupos que detém o poder econômico ou cultural. Mesmo pessoas que analisam de

forma objetiva os fenômenos linguísticos frequentemente emitem enunciados que revelam esse tipo de crença. Uma das consequências dessa crença se reflete no preconceito linguístico, que estigmatiza direta ou indiretamente as pessoas que não dominam formas linguísticas consideradas certas por uma dada comunidade. (SCHERRE, 2005, p. 15, 16).

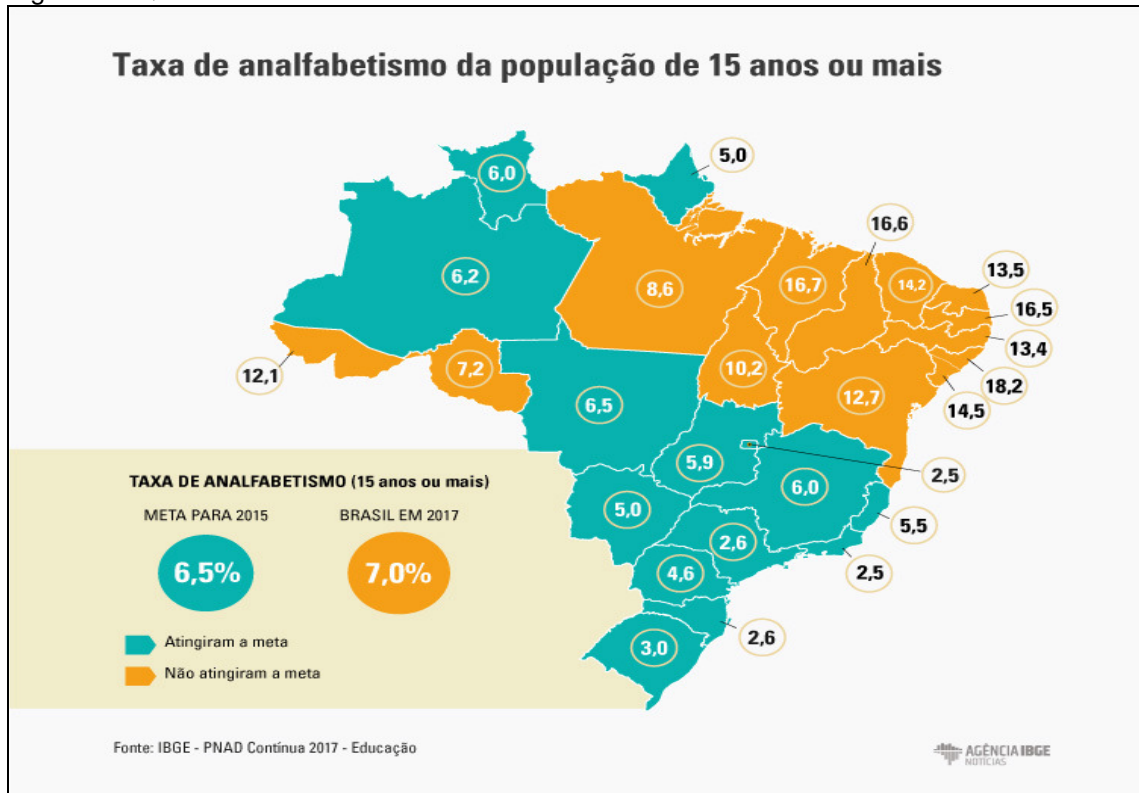
Assim, remetemo-nos novamente ao romance de Graciliano Ramos, percebendo como as interações com os outros, através da linguagem, realmente eram pobres, ou seja, secas. Entre a própria família a comunicação era escassa, tanto que nem o papagaio aprendera a falar. Fabiano confundia-se com um bicho, e se pudesse atacaria o soldado amarelo que o desprezava e maltratava. Provavelmente ele considerava seu jeito de falar inferior, visto que utilizava-se de uma variedade estigmatizada, enquanto o soldado amarelo, por exemplo, provavelmente dominava uma variedade linguística prestigiada. Desta forma, ele nem se atrevia a tentar externar tudo o que havia em seu interior. Bagno explica como é dividida a realidade linguística no Brasil:

[...] norma padrão, variedades prestigiadas (“norma culta”) e variedades estigmatizadas (“norma popular”). Pelas características da sociedade brasileira, extremamente excludente e injusta na distribuição dos bens sociais, sabemos que os traços linguísticos próprios das variedades mais estigmatizadas são rejeitados e evitados pelos falantes das outras variedades. (BAGNO, 2007, p. 141, 142).

Sem esquecer que essa é a realidade para a maioria dos brasileiros, Faraco (2008, p. 27) complementa: “Vivemos numa sociedade tradicionalmente pouco letrada. Como consequência e apesar da expansão da alfabetização no último século, é ainda apenas uma minoria que efetivamente domina a expressão escrita” e, conseqüentemente, as variedades mais prestigiadas. Esse quadro tem ligação com o acesso à escolarização e, conseqüente, alfabetização. Como demonstram os dados do IBGE de dezoito de maio de dois mil e dezoito, a taxa de analfabetismo da população com 15 anos ou mais de idade no Brasil caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, mas não alcançou o índice de 6,5% estipulado, ainda para 2015, pelo Plano Nacional de Educação (PNE), totalizando um número de 11,5 milhões de pessoas que ainda não sabem ler e escrever conforme pode-se visualizar no quadro abaixo:



Figura 01: Quadro demonstrativo do analfabetismo no Brasil



Fonte: Agência IBGE notícias (2018)

Segundo observa-se, o Brasil ainda tem uma porcentagem considerável de pessoas com nenhum acesso à escolarização, sendo analfabetos e que conseqüentemente não fazem uso da variedade linguística prestigiada, já que esta é aprendida no meio escolar e acadêmico, observando-se que a quantidade mais expressiva é na região nordeste do Brasil, justamente onde se passa a trama do romance de Graciliano Ramos, **Vidas secas**. Isso sem considerar que inúmeros brasileiros são considerados analfabetos funcionais, tendo pouco ou nenhum domínio da língua padrão. Situação que nos remete às palavras de Faraco (2008, p. 28): “A questão da língua no Brasil não é apenas linguística, mas, antes de tudo, política. Ela interessa à *polis* como um todo, na medida em que atravessa diretamente e afeta profundamente inúmeras situações sociais.” No entanto, esses brasileiros, com pouco ou nenhum acesso à escolarização, são falantes e fazem uso da língua falada nas suas relações interpessoais, muitas vezes sofrendo preconceito linguístico ou violência simbólica, ao que aponta Philippsen (2017, p. 638): “[...] as ações humanas estão vinculadas à língua e, mais especificamente, às formas



particulares de sua realização [...]”, e em resposta ao questionário apresentado, explica como a dominação está relacionada ao uso que o indivíduo faz da língua:

**(03) Neusa Inês Philippsen:** A divisão de classes, como sabemos, está ligada diretamente ao poder econômico que, por sua vez, determina as relações de poder em uma sociedade essencialmente capitalista. Nesta(s) sociedade(s), a riqueza geralmente é mostrada como triunfo pelos esforços individuais, conseqüentemente, a falta de esforços geraria a pobreza, responsável pelas desigualdades sociais em vista dos fracassos pessoais. Para esta interpretação da realidade, o papel da língua, mais especificamente a que preza pela hegemonia, é imprescindível, ou seja, essencial para o êxito deste modelo de sociedade.

Sendo assim, de acordo com Carboni e Maestri (2012), a língua é palco privilegiado da luta de classes, expressão e registro dos valores e sentimentos contraditórios de exploradores e explorados. Por exemplo, as nações imperialistas lutam para impor suas línguas e, por meio delas, seus valores às nações dominadas, assim como as classes dominantes esforçam-se para que os dominados se submetam plenamente a uma ditadura linguística, que facilita e consolida a ditadura social e econômica.

Nesse contexto, portanto, as formas particulares das realizações de uso da língua, que refletem distintas variações e variedades, principalmente as empreendidas pelas classes baixas servem, também, como forma de dominação, visto que reforçam a pouca ‘aptidão’ desses usuários, ‘que não se esforçariam’ para aprender a língua hegemônica, *standard*. Cabe ressaltar que, modernamente, a Sociolinguística vem chamando a atenção para os contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos que envolvem as diferentes variedades do português e de seus usuários frente aos interesses sociais, econômicos e culturais, geradores dos preconceitos social e linguístico.”

Reforçando as palavras da professora Dra. Neusa Inês Philippsen, é necessário conhecer e respeitar as formas de comunicação entre os mais diversos grupos de falantes, dando voz e vez a todos, e considerando a assertiva de Faraco (2008, p. 28): “[...] fica evidente que está mais do que na hora de instaurarmos, no espaço público, um indispensável embate entre os múltiplos discursos que dizem a

língua no Brasil, em especial à questão específica da chamada norma culta.” Para que assim possamos tratar as pessoas com mais igualdade, aceitando as diferenças linguísticas, principalmente para possibilitar uma alfabetização em espaços escolares que respeitem as diferenças e não as tratem como inferiores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da literatura entramos em contato com diferentes formas de expressão que nos dão uma visão de mundo, de valores, regras, mitos e crenças da sociedade, além de adquirir ferramentas para compreender a realidade de uma forma mais crítica, deparamo-nos com situações de exclusão e submissão. No romance **Vidas secas** de Graciliano Ramos, percebe-se como a língua representa objeto de exclusão e dominação, subjugando os sujeitos. Assim, através da obra de arte literária, é possível estabelecer relações com a realidade e refletir sobre novos caminhos que levem a uma mudança social.

Necessário se faz, como educadores e cidadãos, que buscam uma sociedade mais justa, pensar sobre o preconceito linguístico e buscar maneiras de valorizar as diferenças sem menosprezá-las, principalmente quando se refere à escolarização. O número de analfabetos é altíssimo, contribuindo ainda mais para este tipo de preconceito, já que o conhecimento da norma culta depende do grau de instrução do indivíduo. Nesse sentido, projetos como Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT), coordenado pela professora Neusa Inês Philippsen, é um meio importante para “refletir sobre a língua portuguesa e línguas minoritárias faladas no Mato Grosso/Brasil” (PHILIPPSEN, 2017, p. 632), proporcionando aos professores, acadêmicos e comunidade em geral, uma visão mais profunda e crítica sobre as variedades linguísticas e, conseqüentemente, ao respeito destas variedades.

## REFERÊNCIAS

ANALFABETISMO cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015. **Agência IBGE Notícias**. 18 maio 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em: 23 set. 2018.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. Preconceito linguístico? Tô fora! *In*: PINSKI, J. **12 faces do preconceito**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BASTOS, H. Inferno, alpercata: trabalho e liberdade em Vidas secas. *In*: RAMOS, G. **Vidas Secas**. 133. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CYRANKA, Lucia F. M. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (org.). **Pedagogia da Variação Linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. Diversidade e variação linguística em contextos mato-grossenses. *In*: SIMELP – Simpósio Mundial de Estudo de Língua Portuguesa, 5., 2017, Lecce. **Atas do [...]**. Lecce: Università del Salento, 2017. Simpósio 25 - Demonstração dos usos, normas e identidades linguísticas locais, p. 623-640. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/LECCE.compressed-614-667.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Neusa Inês Philippsen**. Depoimento [03 set. 2018]. Entrevistadora: Rosane Gallert Bet. Sinop, MT, 2018. 2 f. Questionário concedido como trabalho avaliativo da disciplina de Metodologia da Pesquisa em Letras do PPGLetras – UNEMAT/Sinop – MT.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 133. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a valiosíssima contribuição da professora Dra. Neusa Inês Philippsen, pelas importantes reflexões, sempre preocupada em contribuir com uma sociedade em que a língua não seja objeto de discriminação social e violência simbólica.